

Ano:
12/12

HISTÓRIA(S) DO BRASIL: APROXIMAÇÕES ENTRE AS OBRAS PAU-BRASIL DE OSWALD DE ANDRADE E HISTÓRIA DO BRASIL DE MURILO MENDES.

Caterina Maria de Saboya Oliveira*

Como nos ensina Octavio Ianni, a nação - imaginária e real - encontra-se na história do pensamento. No pensamento brasileiro, a “questão nacional” - como se “cria e recria” a nação em cada época; e, a partir do final do século XIX, a indagação das possibilidades de ingresso do país na Modernidade têm sido temas recorrentes. Mais acentuadamente, na conjuntura de 1822 - quando o Brasil não conseguiu ingressar no “ritmo da história”: não houve abolição de escravatura, república ou garantias democráticas. Na de 1888/89 - quando surge a idéia de “Brasil moderno” e o país tenta entrar no ritmo: abolição, aposta no “branqueamento”, liberação de forças econômicas e entra em curso uma fase importante da construção de um pensamento sobre a realidade nacional em Tavares Bastos, José Veríssimo, Sílvio Romero, Manuel Bonfim, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, Machado de Assis e Raul Pompéia entre outros. Buscava-se a compreensão das perspectivas abertas com a República e o trabalho livre porém impunha-se a reflexão sobre as heranças coloniais - escravismo/ patriarcalismo, diferenças étnicas. E na conjuntura que nos interessa neste trabalho - a de 1930. Período em que se dá a precipitação das potencialidades das crises e controvérsias herdadas do passado e desabrocham algumas das interpretações paradigmáticas da sociedade brasileira.

Claro que a temática não se esgota em 30 e será retomada em outros momentos, como os de 1945, 1964, 1985..., porém, é este “sopro de radicalismo intelectual e social” que eclode com a Revolução de Trinta que nos interessa mais de perto por ser nosso objetivo, neste trabalho, uma análise de visão de Brasil na poesia de Oswald de Andrade e Murilo Mendes. Mais especificamente nos livros **Pau-Brasil** e **História do Brasil**.

No prefácio da 5a. edição de **Raízes do Brasil**, logo com uma perspectiva de três décadas, Antonio Cândido aponta os livros que melhor exprimiram esta mentalidade que irrompe nos anos Trinta.

Em ordem cronológica: **Casa Grande, Senzala** (1932) de Gilberto Freyre, **Raízes do Brasil** (1936) de Sérgio Buarque de Holanda e **Formação do Brasil contemporâneo** (1942) de Caio Prado Júnior, que já havia publicado, em 1932, a primeira síntese de nossa história tendo como base o materialismo histórico - **Evolução Política do Brasil**.

Otávio Ianni acrescenta dois livros à trilogia de Cândido, **Evolução do Povo Brasileiro** de Oliveira Viana e **A Evolução Industrial do Brasil** de Roberto Simonsen.

Se ambos reconhecem a década de trinta com aquela que recolocaria de forma particularmente urgente os dilemas da questão nacional, coube ao historiador (Ianni) e não ao crítico literário (A. Cândido) ressaltar a data simbólica de 1922 como a do “ingresso do Brasil no século XX” e citar, ainda que de passagem, os nomes de Oswald e Mário de Andrade entre aqueles que pensaram o Brasil moderno. (Por certo, o projeto de Ianni, nos textos em questão, é mais amplo - traçar a trajetória de idéia de Brasil moderno, enquanto A. Cândido que, em outros trabalhos, deter-se-á sobre a obra de Oswald tem o espaço de um prefácio).

Entremos nos livros inspiradores deste trabalho - **Pau-Brasil** de Oswald de Andrade que, publicado em 1925, antecede os clássicos do pensamento social brasileiro dos anos 30 e **História do Brasil** de Murilo Mendes, publicado em 1932, mesmo ano de **Casa Grande, Senzala** e **Evolução Política do Brasil**.

Surge aqui a primeira grande aproximação entre as “histórias do Brasil” dos dois poetas: a dupla novidade que representaram. Dupla porque novidade literária e historiográfica.

Sobre a literária, a de ruptura com o passado, com o parnasianismo-simbolismo, de recusa de um Brasil “trabalhado pelos mitos do bem dizer,” da “retórica tribunícia”, da “eloquência balofa”, nas expressões de Haroldo de Campos, já se aprofundaram os irmãos Campos, Mário da Silva Brito, Décio Pignatari, Luiz Costa Lima e José Guilherme Merquior.

* Graduada em Medicina e História. Aluna do Mestrado em Letras da UFC.

Este último, em suas “Notas para uma muriloscopya”(2), afirma terem Oswald [e Mário] “chegado” ao estilo avant-garde, mas Murilo Mendes [e Drummond] teriam “nascido” modernistas. Nada mais distante do pensamento de Haroldo de Campos que intitula seu prefácio ao texto de Oswald “Uma Poética da Radicalidade”. Diferentemente de Merquior, que não distingue entre Mário e Oswald, Haroldo de Campos afirma que, em nenhum dos livros iniciais de Mário (**Há uma gota de sangue...** e **Paulicéia desvairada**) encontrar-se-á o “sentido pioneiro e radical” da poética oswaldiana. Para Campos, a **Paulicéia...** não era revolução, mas reforma. Pau-Brasil viria ser a Revolução.

Após a leitura dos poemas de **Pau-Brasil** e **História do Brasil**, não há como não nos perfilarmos com Haroldo de Campos. A radicalidade de Oswald nada fica a dever a de Murilo Mendes.

Ambos possuem o efeito de antiilusionismo, a poesia deposta crítica, capaz de provocar no leitor o estranhamento. Ambos enxugam a língua, valem-se do humor, da piada, da imaginação, da fala popular, do **lirismo** apontados pelos críticos supra-citados ora a um, ora a outro.

Mas não se trata aqui de estabelecer-se um confronto, de apontar um “vencedor” em radicalidade poética (ou historiográfica) e sim de observar como as duas “histórias” se complementam e se enriquecem mutuamente levando a uma “revolução do olhar” que não perdeu sua atualidade ou seu poder de crítica. Como Oswald diz:

Aprendi com meu filho de dez anos
que a poesia é a descoberta
das coisas que eu nunca vi.

Gostaria, contudo, de ressaltar a face menos iluminada dessa novidade: a historiográfica, mesmo porque sobre a outra, a literária, detiveram-se críticos como os citados que, para tal, bem mais que a autora, têm “engenho e arte”.

É preciso que se diga que todas as matrizes do pensamento social brasileiro delineadas pelos clássicos referidos no início deste trabalho (publicados a partir de 1932) tais como: país agrário - industrialização; capitalismo-socialismo; democracia-autoritarismo; mistura de raças-formação do povo; modernidade-tradição já estão presentes - e carentes! - nas histórias do Brasil em estudo.

Não há como fugir à imagem de Pond do poeta “antena da raça” ou à afirmação de Ianni de que “alguns segredos da sociedade se revelam melhor precisamente na forma pela qual aparecem na fantasia. Às vezes, a fantasia pode ser um momento superior da realidade”. Tampouco como esquecer a lição de Aristóteles (retomada por Sevcenko) de que, se à história cabe narrar o que sucedeu, à literatura cabe a narração do que poderia ter sucedido ou a de Barthes, para quem a função do historiador é “significar a literatura segundo possíveis que ela não domina”.

Um exemplo de antecipação literária ante a historiografia: Murilo Mendes em seu “Testamento de Sumé” antecipa todo um capítulo de **Visão do Paraíso** (1959) de Sérgio Buarque de Holanda ao deter-se sobre um mito

ancestral da conquista (apassagem de São Tomé pela colônia e o motivo das pegada humanas impressas em pedra). A ver:

“Mas eu perdi a confiança
Sumi pra sempre no mar,
Pra eles não se esquecerem
Do avô que maltrataram
Deixei na laje da costa
As impressões de meus pés”.

A segunda aproximação a destacar encontra-se dentro da novidade historiográfica dos autores: o profundo conhecimento de causa dos dois poetas. A escolha do tema comum - história do Brasil - não chega a surpreender, já que lidamos com poetas modernistas - um, o motor da Semana de 22 e do movimento antropofágico e o outro, colaborador das primeiras revistas modernistas - **Revista da Antropofagia**, **Verde** - voltados, portanto, à reflexão sobre o Brasil.

Oswald e Murilo transitam perfeitamente à vontade pela história do Brasil, sendo capazes, nas décadas de 20 e 30 - contemporâneos, portanto, dos fundadores do que viria a ser chamada - a Nova História - Marc Bloch e Lucien Febvre, fundadores da que viria a ser chamada a Nova História - de questionar a história tradicional e já então buscar a voz dos silenciados numa poesia que, sob a “face inocente da simplicidade”, está plena de “referências culturais”(1).

Ambos transformam história em poesia trabalhando no tempo - como historiadores, portanto - e plasmando uma linguagem capaz de mesclar ciência e ficção. Há, sobretudo em Oswald, um retorno às fontes que traz o paralelo com historiadores do porte de Capistrano de Abreu e Sérgio Buarque de Holanda. (Obviamente o paralelo se impõe em termos de erudição e não em uso das fontes).

Por vezes, Oswald e Murilo usam a mesma fonte. A carta de Pero Vaz Caminha, por exemplo. Oswald a utiliza mais literalmente, sugindo a poesia de “colagem”, a técnica de recorte e remontagem (2) com a introdução de títulos, que trazem uma luz nova a todo o trecho, recriando-o.

A ver: **Primeiro Chá**

Depois de dançarem
Diogo Dias
Fez o salto real
ou

As meninas da Gare

Eram três ou quatro moças bem moças e bem gentis
Com cabelos mui pretos pelas espáduas
E suas vergonhas tão altas e tão saradinhas
Que de nós as muito bem olharmos
Não tínhamos nenhuma vergonha.

A um trecho de Gandavo que fala em “hu certo animal se acha também nestas partes / A que chamam Preguiça (...)

/ Se move com passos tam vagarosos / que ainda que ande
quinze dias aturado / não vencerá a distância de hu tiro de
pedra" Oswald intitula **Festa da Raça**.

Já Murilo Mendes mescla os termos históricos da carta
com termos populares e produz um autêntico poema-piada:
Carta de Pero Vaz

A terra é mui graciosa,
Tão fértil eu nunca vi
(...)
Tem goiabas, melancias
Banana que nem chuchu
Quanto aos bichos, tem-nos muitos
De plumagens mui vistosas
Tem macaco até demais
Diamantes tem à vontade
Esmeralda é para os trouxas
Reforçai, Senhor, a arca
Cruzados não faltarão.(3)
(...)

Retornemos aos livros em questão. Com a técnica anteriormente referida, Oswald revisita os primeiros cronistas, a vida em uma fazenda de café e embarca-nos em uma viagem pelo Vale do Paraíba até a capital da República, sem esquecer o Carnaval, os postes da Light, as amantes francesas, o roteiro das Minas e o Lóide brasileiro (não descobriu o poeta seu país durante uma estadia em Paris "do alto de um atelier da Place Clichy"(4)?).

Murilo Mendes não deixa de fora quaisquer dos capítulos de nossa história - de Pinzon que se queixa:

"quem descobriu a fazenda
por San Tiago fomos nós (...)
mas como sempre acontece
nós tomamos na cabeça
pois não tínhamos jornal
A colônia portuguesa
mandou para o jornalista um saquinho de cruzados:
Ele botou no jornal
que o arquimedes da terra
foi um grande português
"à Revolução de Trinta.

No percurso, Anchieta, Nassau, Zumbi, Tiradentes, os imperadores, Feijó, Deodoro, Floriano, Padre Cícero, Lamião, Prestes - enfim, as principais figuras e movimentos sociais brasileiros dizem presente. É como se descobrissemos um livro de história do Brasil com uma revolução deflagrada em cada linha.

Um exemplo (atenção à ironia do título):

O Farrista
Quando o almirante Cabral
põe as patas no Brasil
O anjo da guarda dos índios
Estava passeando em Paris.
Quando ele voltou da viagem
O holandês já está aqui

O anjo respira alegre
"Não faz mal, isto é boa gente,
Vou arejar outra vez"
O anjo transpôs a barra,
Diz adeus à Pernambuco,
Faz barulho, vuco-vuco,
Tal e qual o zepelim
Mas deu um vento no anjo,
Ele perdeu a memória...
E não voltou nunca mais.

A questões racial e do capitalismo "periférico e dependente" encontram-se em Murilo nos exemplos que se seguem.

Homo brasiliensis

O homem
é o único animal
que joga no bicho

Divisão das Capitanias

A primeira pros londrinos,
Pra assentarem telefones,
Bondes puxdos a burros
Naturais deste país;
Cruzados nos emprestaram
A cinco por cento ao mês
A segunda, aos holandeses

.....
A terceira pros franceses

.....
Quem falou francês foi nós
A quarta foi para os turcos

.....
A quinta aos italianos

.....
A sexta aos americanos

.....
A sétima, aos alemães

.....
As outras cinco fazendas
Pra fazer conta redonda
Entregaram aos lisboetas
Que fornecem mantimentos
Às capitanias restantes

O questionamento à história tradicional, presente em toda a história poética muriliana, vem-nos com forte expressão nesse Poema XII:

O Herói e a Frase

Como é que poderia
Aquele almirante holandês

Na atrapalhação da hora da morte
Gritar abraçado com as ondas.
E, pior, alguém ouvir:
“O oceano é a única sepultura digna de um almirante batavo”.

Os dois poetas, ao lado da poesia de denúncia (os Poemas da Colonização “Medo da Senhora” e “Levante” de Oswald; “A Estátua do Alferes” de Murilo) têm momentos de grande lirismo. É o caso dos versos finais de Murilo em “A Bandeira”:

.....
Esmeraldas não achamos,
ou achamos, mas slope
Não achamos esmeraldas,
Mas o tempo não perdermos:
No fim deste pic-nic
Desenrolamos no céu
A bandeira do país

e da “Escola Rural” de Oswald com suas “carteiras para anõezinhos”, no qual a professora “está de licença / e monta guarda a um canto numa vara / a bandeira alvi-negra de São Paulo / enrolada no Brasil” ou ainda de vários poemas oswaldianos do “Roteiro das Minas” como “Menina e Moça” e “Casa de Tiradentes”.

Uma terceira aproximação entre as histórias dos poetas: o exercício da imaginação utópica. Para Merquior, uma das especificidades de Murilo Mendes reside na carga utópica que separa o Surrealismo do Modernismo. O primeiro teria um projeto de cunho existencial que falta ao Modernismo, que resvala para o escapismo. Assim, em Murilo Mendes, haveria um “estar-no-mundo” que não se encontra na raiz do “ethos modernista”. Contudo, quando se pensa na tese de Oswald, *A Crise da Filosofia Messiânica*, que desenvolvendo o *Manifesto Antropofágico* de 1928, defende a reintegração do homem com seus instintos vitais e contrapõe à cultura messiânica, fundada na autoridade paterna, na propriedade privada e no Estado, uma cultura antropofágica - matriarcal e sem classes, fica difícil não ver Oswald “no-mundo” e, sobretudo, não reconhecer a profunda “carga utópica” do projeto que Oswald erigiu (ou tentou) em concepção geral de existência.

Portanto, é possível que o Surrealismo tenha maior carga utópica que o Modernismo, mas certamente Oswald era capaz de tanta utopia quanto Murilo. Utopia que, nas obras em estudo, aparece na denúncia/recusa à “importação de consciência enlatada” e na busca de valores “arraigadamente primitivos e brasileiros” para usar expressões oswaldianas.

Uma última aproximação: o recurso ao humor para o desmascaramento da história oficial.

Se Oswald de Andrade e Murilo Mendes são capazes de virar de ponta-cabeça a história dos grandes homens e

grandes feitos do Brasil é por compartilharem uma visão crítica da história que se erige sob a égide do humor. Pelo humor, denunciam-nos o preconceito racial, valorizam o índio, o negro, o mulato sem ufanismo; rompem com os fundamentos agrários e patriarcais, desmistificam os heróis; expõem-nos nossa dependência estrangeira e perversões econômicas (entre tantos outros temas⁽⁵⁾).

Antonio Cândido, escrevendo sobre Oswald, acentua este papel “profilático, regenerador, humanizador e libertador do humorismo” no Modernismo brasileiro. Para ele, o “claro riso dos modernos” (Ronald de Carvalho) operou “prodígios de higiene mental e social, caracterizando grupos esteticamente coerentes”.

É de Umberto Eco a definição de humor como um “carnaval frio”, que não pretende levar-nos além de nossos limites, apenas mina-os desde dentro; que não busca a liberdade impossível, mas é movimento de liberdade. Quando aparece (e é fenômeno raro) uma peça de humor verdadeiro, o espetáculo converte-se em vanguarda, em jogo filosófico supremo.

Penso que é sobretudo por seu potencial libertário (de volta à utopia), por brincarem este “carnaval frio” através de um manejo radicalmente poético da linguagem, que a história e a poesia de Oswald de Andrade e Murilo Mendes, entrelaçadas sobre a vastidão de um Brasil a ser construído, nos tocam tão de perto, deixando-nos - como cabe a um “jogo filosófico supremo” - um pouco mais sábios, um pouco mais tristes e fazendo-nos partícipes compulsórios dessa história que continua.⁽⁶⁾

NOTAS

- (1) As expressões entre aspas são de Luciana L. Picchio.
- (2) A propósito desta montagem afirma Luiz Costa Lima “o recurso citado pode inclusive respeitar literalidade da fonte desde que, por seu mero destaque do contexto frásico em que se dispunha, adquira outro peso significante”. LIMA (1972, p. 63).

Neste trabalho, Luiz Costa Lima, faz o rastreio meticoloso do uso feito por Oswald de Andrade das fontes históricas em *História do Brasil* além de tecer instigantes comentários sobre a poética oswaldiana.

- (3) Como afirmamos anteriormente, este trabalho não tem por objetivo o apontar de um “vencedor” em radicalidade poética. Porém, em relação ao uso da carta do escrivão pelos dois poetas, vale indicar o artigo de Francisco Ivan (ver bibliografia) “Oswald de Andrade e a Consciência Crítica na Literatura”. Para esse autor: “o que se sublinha em Oswald de Andrade, mais do que em Murilo Mendes, é aquela capacidade de síntese do acontecimento poético, síntese antropofágica, onde o que na origem era identidade, agora é sua diferença.” (p.36).

(4) Depoimento de Paulo Prado.

(5) A descrença nos políticos - outro tema - toma voz nestes versos d' “**A Estátua do Alferes**” de Murilo Mendes: “(...) No meu corpo cabe tudo, / Cabe passado e presente, / Mais do que tudo o futuro. / Senadores, deputados, / Se arranchem na minha sombra / (...) Sou como o cavalo troiano / Aqui dentro cabe o mundo / O avô da farra sou eu”.

(6) É bem verdade que, se estivesse em pauta a obra completa dos dois autores, as diferenças surgiriam claras. Sabe-se que Murilo Mendes não incluiu sua **História do Brasil** na recolha **Poesias** de 1959, por considerá-la “pouco representativa no conjunto de sua obra”. Sabe-se também que os autores estão longe de ser seus melhores críticos. É por termos limitado o estudo dos poetas a suas histórias do Brasil que as aproximações se impuseram com tanta força.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. ANDRADE, Oswald de. **Poesias Reunidas**. 3a. ed. Obras Completas. v. 7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
2. MENDES, Murilo. **Poesia Completa e Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
3. CANDIDO, Antonio. **Recortes**
4. ECO, Umberto, IVANOV, RECTOR, Monica. **Carnaval!** México: Fundo de Cultura Econômica, 1989.
5. LIMA, Luiz Costa. “História do Brasil” in **Poetas do Modernismo**. v. 1. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro - MEC, 1972.
6. IVAN, Francisco. “Oswald de Andrade e a Consciência Crítica na Literatura” in **70 Anos de Modernismo**. Eduardo Assis Duarte (org) Natal: UFRN. 1994. p. 31- 44.
7. IANNI, Octavio. **A Idéia do Brasil Moderno**.